

SOBRE O MÉTODO CLÍNICO FREUDIANO EM “A PSICOGÊNESE DE UM CASO DE HOMOSSEXUALISMO NUMA MULHER”

Thalita Lacerda Nobre

(Universidade Paulista/Santos-SP e Universidade Católica de Santos – UNISANTOS – Santos – SP)

Resumo

Este artigo tem por objetivo central discutir a respeito dos aspectos históricos do método clínico. Após breve apresentação do conceito ao longo da história, a autora discute o método freudiano da associação livre, cujo objetivo fundamental é buscar, com a ajuda do analisando, a (re)construção de sua própria história. A fim de ilustrar essa passagem, a autora apresenta alguns aspectos tratados por Freud no caso da jovem homossexual, de 1920.

Palavras-chave: método clínico; livre associação; jovem homossexual.

Abstract

About freudian clinical method in the psychogenesis of a case of homosexuality in a woman

This article has like principal objective to discuss about historical aspects of the clinical method. After a brief presentation of a concept throughout history, the author discusses the Freudian method of free association, whose primary objective is to search, with the help of analyzing, (re) construction of their own history. In order to illustrate this passage, the author presents some issues addressed by Freud in the case of a young homosexual girl, wrote in 1920.

Key-words: clinical method; free association; young homosexual girl

Sobre o método clínico freudiano em “A Psicogênese de um caso de homossexualismo numa mulher” (1920)

Acredito ser um pouco difícil definir com clareza a respeito do método clínico, devido a vastidão do tema, por isso, o presente artigo tem por objetivo central discutir a respeito das diferentes

faces da observação e tratamento ao longo dos tempos até chegar à proposta clínica da psicanálise freudiana, para, assim, abrir possibilidades de reflexão acerca do método clínico praticado atualmente.

Berlinck (s/d^a, p.1), no artigo intitulado *O Método clínico – I*, escreve que durante o renascimento, cujo berço foi na Europa, durante os séculos XV e XVI, o pensamento a respeito da investigação se

expandiu de modo que houve a cisão entre o observador e o observado, coisa que até então não se fazia. Segundo o autor, neste período: “a natureza passa, assim, a ser o campo do sensivelmente apreensível.”

Deste modo, este sociólogo e psicanalista complementa que foi a partir do renascimento que a civilização ocidental apresentou a tendência a tratar daquilo que considerava apreensível. O autor adverte que, neste sentido, “logo, porém, o homem moderno se deu conta dos estreitos limites dessa técnica, pois notou que a sensibilidade muitas vezes apreende aquilo que não possui existência material” (Berlinck, s/d^a, p. 1).

Mesmo assim, durante o renascimento e nos períodos seguintes é possível considerar que a humanidade começou a usar mais a sensibilidade em sua observação.

Em prosseguimento a apreensão pela observação, Berlinck (s/d^a, p.1) destaca que no século XVIII surgiu na Europa um movimento que ofereceu estatuto científico à observação da natureza. Este movimento ficou conhecido como *naturalismo* e, de acordo com o autor, tanto a ciência moderna quanto o próprio naturalismo: “[...] se baseiam na suposição de que o mundo existente pode ser apreendido e compreendido a partir da

observação e da classificação daquilo que se manifesta.”

Assim, compreendo que o humano passou a estar atento aos fenômenos que se manifestavam concretamente. Apesar de que estes fenômenos ainda estavam precisando ser descritos, e por isso, o conceito de concreto é perpassado pelo apreensível a partir da perspectiva do observador.

Berlinck (s/d^a, p. 1) escreve ainda que é neste bojo do naturalismo caracterizado pela observação e a descrição que nasce a medicina. O essencial à terapêutica era dado a partir do que os clínicos observavam e descreviam. O “olhar clínico” passou então a ser o principal instrumento para o conhecimento da natureza dos males humanos.

Este sociólogo e psicanalista entende ainda em *O método clínico – 2*, que tanto o naturalismo quanto o iluminismo fundamentaram o método clínico a ser utilizado pela psiquiatria européia (especialmente a alemã, inglesa e francesa) do século XIX. E, portanto, influencia na proposta do método criado por Freud ao final do século XIX e início do século XX (Berlinck, 2007, p. 9).

A ênfase, durante este momento histórico passou a ser a observação e classificação do observado. A postulação freudiana, a partir da criação da

psicanálise, apresenta como objetivo de seu método clínico:

[...] o de reconhecer que a natureza é inapreensível e que a narrativa científica ocorre tendo como paradigma a ficção. Assim, o relato do caso clínico não corresponde à realidade objetiva porque inclui não só aquilo que determina a posição do observador, mas, também, aquilo que, provindo do objeto, determina o pensamento do observador (Berlinck, 2007, p. 12).

Sendo assim, conforme o autor sintetiza, a proposta freudiana com o surgimento da psicanálise é a de que exista interação entre as posições do observador e do observado de modo que se produza a subjetividade que determina a narrativa do caso clínico em análise.

Os clínicos, que inicialmente foram chamados de alienistas e depois de psiquiatras, se interessaram pela norma e tudo aquilo que poderia fugir a ela. A fim de se tratar a loucura, foram produzidas normatizações que receberam o nome de psicopatologia. É neste panorama que, segundo Berlinck (2007) surge a psicanálise freudiana.

O método clínico criado por Freud é aquele que, conforme dito anteriormente, propõe construir – a partir de um trabalho em conjunto entre observador e observado – a história do paciente a fim de tratar os pontos de conflito.

Freud cria o método da “livre associação” como base do tratamento psicanalítico. De acordo com Alain de Mijolla (2005, p. 158), a livre associação se refere ao método “[...] na origem da ‘regra fundamental’ de toda cura psicanalítica e segundo a qual o paciente deve exprimir tudo o que lhe vem ao espírito sem exercer escolha ou censura.”

Sendo assim para Freud, o que interessa é o que o paciente compartilha com o analista, mesmo que, a princípio, para o paciente, possa parecer que são dados oferecidos a esmo. Conforme ele escreve em *A psicanálise e a determinação dos fatos nos processos jurídicos por um método diagnóstico* (Freud, 1906, p. 97): “[...] sentimo-nos justificados em inferir das descobertas da psicopatologia da vida cotidiana que as idéias que ocorrem ao sujeito numa experiência de associação podem também não ser arbitrárias, mas determinadas por um conteúdo ideativo nele atuante.”

Assim, Freud busca compreender, por meio deste método, o que o paciente revela, por meio da palavra, daquilo que está escondido, reprimido em seu inconsciente.

Desta forma, o que interessa não é a verificação da veracidade dos fatos, mas sim, a construção que o paciente pode fazer de sua própria história. Este

entendimento está presente ao longo de toda a obra freudiana. Em um de seus últimos escritos, intitulado *Construções em análise* (1937, p. 276), Freud postula que a principal tarefa do analista é “(...) a de completar aquilo que foi esquecido a partir dos traços que deixou atrás de si ou, mais corretamente, *construí-lo*.”

Por essa razão, o método freudiano permite que o analista suponha determinados “fatos” que faltam ao discurso do paciente, a fim de construir uma história que lhe tenha sentido. A este respeito o criador da psicanálise escreve (1937, p. 278): “depende exclusivamente do trabalho analítico obtermos sucesso em trazer à luz o que está completamente oculto.”

Sendo assim, como um arqueólogo que busca o material oculto, também o psicanalista traz a tona o que está submerso no inconsciente e tenta reorganizar, juntamente com o paciente, a fim de que faça sentido para o analisando e possibilite desatar os nós das vivências psíquicas que lhe causam conflitos. Foi a partir deste método de construção que Freud analisou a jovem Sidonie e publicou algumas constatações a respeito deste caso em 1920, com o seguinte título: *A psicogênese de um caso de homossexualismo em uma mulher*.

Desde o título é possível notar que Freud, ao escrever este caso clínico, estava interessado, fundamentalmente na constituição psíquica masculina e feminina. Este ensaio é, portanto, continuidade aos postulados freudianos a respeito do complexo de Édipo, não somente como complexo nuclear das neuroses, mas da constituição psíquica do indivíduo em geral.

Este relato clínico a respeito da jovem foi o último caso publicado pelo vienense, conforme Quinodoz (2007, p. 191) entende, Freud “[...] não os divulgará mais por motivos de confidencialidade.”

Freud inicia o ensaio expondo ao leitor suas postulações a respeito da homossexualidade nas mulheres, inserindo as principais questões a serem discutidas durante o trabalho, como a questão da bissexualidade, da relação da menina que se torna homossexual com sua mãe e da impossibilidade de o paciente abandonar sua fonte de prazer, tornando, por isso, muito difícil o trabalho de análise.

É importante notar que a psicanálise freudiana, neste período, já havia realizado grandes progressos; porém, ainda outros mais importantes estariam por vir. Sendo assim, conforme Violante (2005, p. 197) escreve, Freud estava situado na compreensão de algumas noções que viriam a ser repensadas, como a: “[...]”

primeira tópica, primeira teoria pulsional, primeira teoria da angústia, complexo de Édipo simples e o complexo de Édipo feminino (*que*)¹ era considerado como o masculino *mutatis mutandis*.”

Deste modo, é importante considerar que as concepções freudianas a respeito da importância da mãe para a constituição psíquica de meninas e meninos, o complexo de Édipo feminino, sua articulação com o complexo de castração, os três destinos psíquicos possíveis à menina, a partir da resolução edipiana e da castração, ainda não haviam sido postulados e, portanto, este fato será considerado na leitura possível que faremos deste caso clínico em questão.

Por outro lado, é importante salientar que a exposição deste caso trouxe grande riqueza às concepções freudianas a respeito da clínica das perversões, bem como acerca do complexo de Édipo em suas formas positiva e negativa, conforme Freud descreverá três anos depois, em *O ego e o id* (1923).

É em 1927, com o ensaio *Fetichismo*, que o criador da psicanálise postula que na perversão há um conflito entre o reconhecimento e a recusa da castração. Assim, a eleição de um objeto específico para o fetichista demonstra a necessidade em reconhecer a castração e,

ao mesmo tempo recusá-la, somente obtendo prazer sexual quando há a presença deste objeto eleito que substitui o pênis que algum dia ele acreditou que a mãe possuía. Está, portanto, a perversão no campo da pré-genitalidade, pois o sujeito não pode desfalicizar a mãe da infância, aceitando e recusando a castração.

Com relação à homossexualidade, há o desvio em relação ao reconhecimento da castração. A recusa estaria situada exatamente na desconsideração da diferença sexual. Conforme Laplanche e Pontalis (1992, p. 343) ressaltam, “[...] a homossexualidade não é anormal porque é condenada, e não deixa de ser uma perversão nas sociedades ou grupos onde é muito difundida e admitida.”

Assim, o método clínico freudiano permitiu a construção do entendimento, a partir do historial da jovem Sidonie de que há características pré-genitais na constituição psíquica de todos os sujeitos adultos, além de buscar retirar a discussão acerca da homossexualidade restrita aos aspectos morais.

Ao escrever o ensaio, Freud inicia salientando que a jovem Sidonie chegou até ele por imposição do pai, que estava preocupado com as atitudes da filha, que havia algum tempo que demonstrava interesse por mulheres. A preocupação paterna situava-se em torno do

¹ Interpolação minha.

comportamento da jovem no contexto da sociedade de Viena. A mãe não se importava com o comportamento da filha.

Nos últimos tempos, a jovem passou a não considerar as repressões paternas e passou a investir explicitamente em uma “dama da sociedade”, que a desprezava, era 10 anos mais velha do que ela e “(...) vivia com uma amiga, uma mulher casada, com quem tinha relações íntimas ao mesmo tempo que mantinha casos promíscuos com certo número de homens” (Freud, 1920, p. 159).

De acordo com os relatos freudianos, a jovem começou a mentir para os pais dizendo que iria para alguns lugares, quando na verdade iria encontrá-la. Além disso, passou a não sentir pudores em ser encontrada ao lado da mulher.

Um dia, o pai encontrou a filha em companhia desta dama e demonstrou seu descontentamento. A jovem então, se jogou, numa atitude suicida, na linha do trem, ficando seriamente adoentada e, com sorte, se recuperou. Depois disso, tanto os pais quanto a *cocotte*, que a desprezava, passaram a ser mais amistosos com a menina.

O lugar dos pais e dos filhos na família

Conforme a proposta essencial da psicanálise de observação da construção que o paciente faz de sua própria história, Freud buscou investigar as origens familiares de Sidonie. De acordo com o relato freudiano do caso, o pai aparentava ser um senhor distinto, muito preocupado com a manutenção da ordem e dos bons costumes familiares.

A mãe parecia ser uma mulher jovem, atraente, que gozava de “grande admiração por parte do marido”. De acordo com Freud (1920, p. 157), ela soube antes do pai, da paixão vivida pela filha e não havia tomado partido na situação, exceto pelo fato da menina se expor publicamente de modo constante.

Outro ponto importante em relação à mãe é que ela tratava os filhos homens de modo diferente, estes tinham maiores privilégios no trato com ela, ao passo que a jovem, como a única filha, não tinha a consideração materna. Com relação à garota, Freud destaca que, durante o tratamento, era sempre reservada no que dizia à mãe, mas não no que dizia respeito ao pai.

Era a segunda filha de uma família de homens: seu irmão mais velho tinha apenas 11 meses a mais do que ela; depois nasceu Sidonie; então um irmão mais novo 5 anos e, em seguida, um outro menino

nasceu quando a jovem tinha por volta de 16 anos.

Sidonie e a clínica freudiana das perversões

A partir da exposição do caso e da constelação familiar, anteriormente apresentados, Freud postula alguns importantes aspectos referentes à clínica das perversões. Freud considera como aspecto primordial na clínica que a busca pela análise adveio do pai da jovem e o fato de a mesma afirmar a ele que não percebia necessidade de análise, pois não estava “[...] de modo algum doente, não sofria em si de nada, nem se queixava de sua condição” (Freud, 1920, p. 162).

A este respeito, Freud destaca que nestes casos, “[...] o paciente não demanda análise pois não quer que lhe tirem a fonte de prazer. Se algo no campo das perversões lhe traz prazer, não deseja que a análise lhe tire isso, portanto, ao analista, refere não ter conflito algum” (Freud, 1920, p. 162).

Desta forma, é possível compreender que o paciente pode até procurar análise, não porque quer se ver livre de seu objeto de prazer, mas sim, porque talvez sinta que está causando sofrimento às pessoas de quem gosta. Além disso, a análise pode ser buscada

como forma de mostrar, àqueles que o cercam, que está tentando todo o possível para lutar contra o que lhes causa sofrimento.

Outro ponto importante levantado por Freud é acerca da demanda do pai da jovem. Freud postula que não há como reverter um caso de homossexualidade, assim como não há como reverter heterossexualidade, pois “[...] depende de uma restrição na escolha do objeto” (Freud, 1920, p. 162).

Assim, Freud reitera a respeito da escolha objetal dos homossexuais, a escolha narcísica de objeto, tal como discutiu anteriormente em *Leonardo da Vinci e uma lembrança de sua infância* (1910) e em *Sobre o narcisismo: uma introdução* (1914).

Conforme Freud mesmo explicita neste ensaio de 1914, a escolha de objeto narcisista ocorre de acordo com “o que o próprio sujeito é, o que ele foi, o que ele gostaria de ser e de acordo com alguém que foi uma vez parte dele mesmo” (Freud, 1914, p. 97).

Sendo assim, seguindo o raciocínio de que na perversão sexual há o reconhecimento e a recusa da castração materna (fixação na mãe fálica) é possível considerar que a escolha narcísica de objeto é a escolha, como objeto amoroso, de alguém que representa a mãe fálica.

Para Freud (1920), a escolha objetal de sua paciente revela uma posição masculina, porém de um objeto feminino que a rechaçava. Assim, Freud (1920) postula, que a jovem apresentou uma identificação com o pai e uma escolha de objeto próprio ao complexo de Édipo negativo.

Neste ponto, é importante voltar a salientar que, na época da descrição deste caso clínico, as concepções freudianas giravam em torno da primeira tópica e do entendimento acerca da neurose; por isso, a ênfase maior é com relação ao complexo de Édipo positivo, onde Freud tende a direcionar seu raciocínio psicanalítico em torno da questão da jovem com o pai. As questões relativas à primitiva ligação com a mãe ainda não estão claras neste ensaio.

Como o interesse freudiano estava centrado na ocorrência do complexo de Édipo, outro ponto considerado por ele na análise da jovem homossexual, foi o fato de, aos 13 anos, ter desenvolvido uma amizade com um casal que tinha um filho pequeno.

Neste ponto, Freud (1920), muito entusiasta acerca da constituição psíquica de sua paciente, conjectura que ela poderia estar desenvolvendo aí seu desejo de ter filhos. Porém, o que o intrigou foi o caminho da inversão, ou seja, o fato dela logo em seguida passar a demonstrar interesse por mulheres maduras.

É aí que Freud (1920) interpreta que, possivelmente, deva ter ocorrido um fato de muita relevância que a fez abandonar este desejo de filhos. Este fato poderia estar ligado à revivescência do complexo de Édipo (na puberdade) e os conflitos vividos durante este período.

Mais especificamente, um fato de grande importância para Freud (1920) foi a gravidez da mãe de Sidonie. Nesta ocasião, a jovem estava com 16 anos e, talvez, estivesse desejando, inconscientemente, um filho do pai. Porém, deparou-se com a difícil realidade de saber que a mãe o teve. Então, em consequência deste desgosto, abandonou o pai como objeto de escolha e, como consequência, generalizou o abandono a todos os homens.

Outro ponto que, segundo Freud (1920), reforçou a psicogênese da homossexualidade em Sidonie, foi o nascimento do irmão caçula (quando ela contava com 16 anos). Freud (1920), porém, desconsiderou um evento anterior que pode ter auxiliado muito na constituição psíquica de Sidonie: o nascimento de seu irmão mais jovem (quando ela tinha 5 anos), além das identificações confusas com a mãe que, conforme dito anteriormente, não oferecia o mesmo tratamento para os filhos meninos e para Sidonie. A mãe a rejeitava.

Freud (1920, p. 168) compreendeu, apesar de não estar ainda em tempo de desenvolver essa questão, que a mulher investida pela jovem “[...] era uma substituta da mãe.” O que torna possível entender a regressão ocorrida no complexo de Édipo jovem, ficando esta fixada na mãe como objeto de escolha.

Possivelmente a jovem Sidonie, conforme Freud mesmo relatou, não obteve de sua mãe, reconhecimento e amor que pudessem permitir um bom desligamento, quando da dissolução do complexo de Édipo, além disso, pode-se conjecturar também que a interdição ao incesto encontrou grandes falhas.

Pelo contrário, Freud percebeu ao longo da análise, que a jovem não recebeu reconhecimento por ser filha e menina, mas rivalidade materna que perdurou por longo tempo. De acordo com que Freud construiu ao longo do curtíssimo processo de análise de Sidonie, ela não tinha motivos para direcionar afeição por sua mãe, já que apenas recebia desta rivalidade (Freud, 1920, p. 169).

Outro ponto interessante a ser observado no caso em questão é a respeito da relação triangular permeada pela cumplicidade dos genitores, conforme Freud mesmo percebe:

Era notável, também, que ambos os genitores se comportavam como se entendessem a psicologia secreta da

filha. A mãe era tolerante, como se apreciasse a ‘retirada’ da filha como um favor feito a ela; o pai se enfurecia, como se compreendesse a vingança deliberada dirigida contra ele (Freud, 1920, p. 171).

Deste modo, apesar de Freud estar voltado, preponderantemente, a compreensão do complexo de Édipo positivo, acredito que com esta exposição anterior, talvez tenha observado a respeito do que a psicanalista Piera Aulagnier (1979) viria, mais adiante, desenvolver a respeito das perversões.

Para esta psicanalista, as perversões somente se tornam possíveis com o consentimento de uma mãe cúmplice, que transmite ao filho (a) a possibilidade de burlar a lei da cultura, agindo sob a égide da onipotência de seu próprio desejo (Aulagnier, 1979).

Outro ponto relevante a respeito da clínica postulada por Freud a respeito das perversões é acerca da indiferença ou até mesmo da possível reação terapêutica negativa observada na jovem em relação tratamento.

Neste ponto, Freud (1920) explicita que a hostilidade transferida aos homens também estava presente na transferência com ele e por isso, a fim de contornar a questão da reação terapêutica negativa aconselhou os pais a buscarem ajuda

terapêutica de uma analista do sexo feminino.

Outra consideração explicitada por Freud neste ensaio é acerca da identificação masculina. A este respeito, Freud analisa com maior profundidade as atitudes “masculinas” da paciente homossexual. Porém, mesmo com o grande enfoque acerca da identificação masculina, Freud atenta, neste ensaio, para uma importante descoberta: a de que há uma bissexualidade original nos seres humanos. Deste modo, ele se debruça nos conceitos de masculino e feminino – que serão ampliados nos anos seguintes, quando produz os ensaios referentes ao complexo de Édipo e à fase fálica – e completa escrevendo que reduzir a masculinidade à atividade e feminilidade à passividade “[...] não nos diz o bastante” (Freud, 1920, p. 183).

Como último ponto a ser levantado, Freud deixa bem claro que após este ensaio, as descobertas em psicanálise permitem rejeitar todas as teses sexológicas da época. Escreve ele: “Se tomarmos em consideração essas descobertas, evidentemente, cai por terra a suposição de que a natureza criou, de maneira aberrante, um ‘terceiro sexo’”(Freud, 1920, p. 182). Sendo assim, a homossexualidade torna-se, na obra freudiana, um desvio a sexualidade normal,

algo a ser investigado pela psicanálise nos anos seguintes. Freud também, ao final deste ensaio, rechaça a concepção da existência dos aspectos homossexuais em heterossexuais, porém avança um pouco mais nas concepções acerca do complexo de Édipo positivo.

Para finalizar, acredito ser importante destacar que Freud, com a humildade própria dos gênios, entende ser a análise da homossexualidade – como das demais patologias – restrita e impossível de cura. Em suas palavras:

Não compete à psicanálise solucionar o problema do homossexualismo. Ela deve contentar-se com revelar os mecanismos psíquicos que culminaram na determinação da escolha de objeto, e remontar os caminhos que levam deles até às disposições instintuais (Freud, 1920, p. 182).

Sendo assim, as construções que se fazem durante o processo psicanalítico por meio do método clínico, permitem, segundo Freud, revelar ao observado os mecanismos que o levaram ao caminho de “escolha” da patologia e assim, permitir que o analisando, com a ajuda do analista, “remonte” seu percurso com o intuito de minimizar o conflito vivido.

A exposição freudiana do caso da jovem homossexual, com isso, traz a baila uma importante discussão a respeito do método clínico praticado por Freud ao

longo das construções psicanalíticas dos trabalhando em conjunto com o observado. conceitos. Freud amplia sua observação

Referências

Aulagnier, Piera (1979). *A violência da interpretação: do pictograma ao enunciado*. Rio de Janeiro: Imago.

Berlinck, Manoel Tosta (s/d^a). *O método clínico – 1*. Disponível em: http://www.psicopatologiafundamental.org/uploads/files/artigos_e_livros/o_metodo_clinico_%E2%80%931.pdf. Acesso em: 25/06/2014

_____ (2007). *O método clínico – 2*. In: Rev. Latinoam. Psicopat. Fund., São Paulo, v. 10, n. 4, p. ix-xii, dez.

_____ (2008). *O método clínico – 3*. In: Rev. Latinoam. Psicopat. Fund., São Paulo, v. 11, n. 2, p. 191-194, junho.

_____ (s/d^b). *O método clínico – 5*. Disponível em: http://www.psicopatologiafundamental.org/uploads/files/artigos_e_livros/o_metodo_clinico_-_5.pdf. Acesso em: 25/05/2014

Freud, Sigmund (1906). *A psicanálise e a determinação dos fatos nos processos jurídicos por um método diagnóstico*. ESB, vol. IX, Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____ (1910). *Leonardo da Vinci e uma lembrança de sua infância*. ESB, vol. XIV, Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____ (1914). *Sobre o narcisismo: uma introdução*. ESB, vol. XIV, Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____ (1920). *A psicogênese de um caso de homossexualismo numa mulher*. ESB, vol. XVIII, Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____ (1923). *O ego e o id*. ESB, vol. XXI, Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____ (1927). *Fetichismo*. *ESB*, vol. XXI, Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____ (1937). *Construções em análise*. *ESB*, vol. XXIII, Rio de Janeiro: Imago, 1996.

Laplanche, Jean & Pontalis, Jean Bertrand (1992). *Vocabulário da Psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes.

Mijolla, Alain de (2005). *Dicionário internacional da Psicanálise*. Rio de Janeiro: Imago.

Quinodoz, Jean-Miche (2007). *Ler Freud*. Porto Alegre: Artmed, 2007.

Violante, Maria Lucia Vieira (2005). Algumas notas sobre a histeria e a homossexualidade femininas. In: *Trieb Revista de Psicanálise*, vol. IV, pp.191-203.

A autora:

Thalita Lacerda Nobre é psicóloga clínica graduada pela Universidade Católica de Santos, mestre e doutoranda em Psicologia Clínica pela PUC-SP (Núcleo de Psicanálise), Especialista em Gestão Estratégica de Recursos Humanos pelo Depto de Ensino e Pesquisa do Exército brasileiro/Universidade Castelo Branco (Cátedra UNICEF) e especializanda em Psicologia Organizacional (UNISA), Docente e supervisora de estágios na UNIP/Santos-SP e Universidade Católica de Santos – UNISANTOS. E.mail: thalita_1@yahoo.com.br